



O DOCUMENTÁRIO "A PROVÍNCIA MODERNA" COMO RECURSO AUDIOVISUAL E DIDÁTICO PARA A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA URBANA PÚBLICA.

The documentary "The Modern Province" as an audiovisual and didactic resource for understanding public urban history.

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho¹⁹

Karine Maria Lima Lopes²⁰

Resumo:

Este trabalho visa discutir, a partir do documentário “A Província Moderna”, o cinema não apenas como um recurso didático, mas também como uma ferramenta de História Pública, na medida em que, além de potencializar a construção do conhecimento investigativo e propositivo sobre a história e a vida urbana de Natal nas três primeiras décadas do século XX, contribui para uma reflexão crítica sobre a cidade e a sociedade de forma mais ampla, em espaços educacionais e comunitários. Foram analisadas experiências pedagógicas que utilizaram essa produção audiovisual no ensino de História e, a partir dessas vivências, buscamos propor itinerários possíveis para a discussão e aplicação dessa obra em situações excepcionais de ensino, considerando as particularidades dos diferentes públicos.

Palavras-chave: História Pública, documentário, educação, cidade de Natal.

Abstract:

This paper aims to discuss, based on the documentary “The Modern Province”, cinema not only as a teaching resource, but also as a tool for Public History, insofar as, in addition to enhancing the construction of investigative and propositional knowledge about the history and urban life of Natal in the first three decades of the 20th century, it contributes to a critical reflection on the city and society in a broader sense, in educational and community spaces.

¹⁹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN). Membro do grupo de pesquisa Os Espaços na Modernidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7176469527868882>. E-mail: giovannibentesfilho@gmail.com.

²⁰ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora de História na Educação Básica, em atuação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4607030926674264>. Endereço de e-mail: karine.lopes.102@ufrn.edu.br.



Pedagogical experiences that used this audiovisual production in the teaching of History were analyzed and, based on these experiences, we seek to propose possible itineraries for the discussion and application of this work in exceptional teaching situations, considering the particularities of the different audiences.

Keywords: Public History, documentary, education, city of Natal.

INTRODUÇÃO

O cinema é um recurso que pode ser usado no ensino de História como forma de aproximar a narrativa histórica da comunidade, tornando-a mais acessível, pois permite uma articulação entre o conhecimento histórico produzido e temas transversais, como cidadania, diversidade étnica e cultural, sustentabilidade, relações de trabalho, formas de uso e apropriação da terra e do chão urbano, que dialogam com a realidade tanto dos discentes quanto dos docentes e da comunidade escolar de forma mais ampla.

Do ponto de vista técnico e artístico, e buscando uma definição mais geral, o cinema pode ser compreendido como o resultado de um trabalho no qual, a partir da reunião, seleção e articulação de um conjunto de imagens, de sons, de movimentos e de ritmos, sincronizados e alinhados por meio de uma narrativa, se pode perceber e identificar as escolhas estéticas e as concepções de mundo de seus autores. Fazem parte dessas escolhas, inclusive, o tipo de cinema a ser produzido, ou seja, o gênero pelo qual a obra será identificada, categorizada e rotulada pelo pelos críticos e pelo público – seja como um drama, comédia, musical ou documentário –, cada um com convenções, métodos e linguagens próprios.

As produções audiovisuais, nesse sentido, podem ser consideradas e tratadas como documentos históricos, ou seja, como testemunhos de uma época, de uma determinada sociedade, de uma mentalidade, de uma ou mais ideologias, que refletem e influenciam as formas pelas quais os indivíduos interpretam e representam o passado e a história (Hagemeyer, 2012, p. 38).



Os professores de história podem explorar esse tipo de linguagem como forma de ativar o interesse e a curiosidade de seus alunos, estimulando-os a participarem mais ativamente do processo de construção do conhecimento histórico, uma vez que a obra cinematográfica tende a suscitar uma série de questionamentos e discussões, geralmente sobre suas próprias vivências e experiências sociais. (Bentes Filho; Lopes; Moraes, 2019, p.278).

Nesse ponto, o papel do docente como mediador entre a produção audiovisual e os alunos é fundamental para o processo ensino-aprendizagem, uma vez que as relações entre “emoções e razão” são estabelecidas de forma mais sistemática, fazendo com que o educando se torne “um espectador exigente e crítico” (Napolitano, 2003, p. 16).

Pensando na articulação de todas essas questões (ensino de história, pesquisa, metodologia e cinema), o grupo “Os Espaços na Modernidade” (DEHIS-UFRN), coordenado pelo professor Raimundo Pereira Alencar Arrais, a partir das pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo e de um projeto de extensão intitulado “A cidade de Natal em documentário (1900-1930)”, entre os anos de 2018 e 2019, produziu o documentário “A Província Moderna”, que aborda a vida urbana da cidade de Natal nas três primeiras décadas do século XX.²¹

Assim sendo, e tendo em vista que esse documentário gerou discussões significativas entre um público diverso, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, este trabalho tem como objetivo discutir – a partir da análise de, mas não apenas, experiências pedagógicas que utilizaram o documentário “A Província Moderna” no ensino de História – o cinema como um recurso didático e como uma ferramenta de História Pública.

Além de potencializar a construção do conhecimento investigativo e propositivo sobre a história e a vida urbana de Natal, o documentário contribui

²¹ Filme disponível no canal do YouTube do grupo de pesquisa “Espaços na modernidade”. Disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=no4vZVHUjBM&t=10s>.



para uma reflexão crítica sobre a cidade e a sociedade de forma mais ampla. Ademais, buscamos propor itinerários possíveis para a discussão e aplicação dessa obra em situações excepcionais de ensino, considerando as particularidades dos diferentes públicos.

A IDEIA, O PROJETO E O DOCUMENTÁRIO “A PROVÍNCIA MODERNA”

O documentário “A Província Moderna” foi produzido entre os anos de 2018 e 2019 e já conta, até o momento, com mais de 129 mil visualizações no canal do grupo de pesquisa “Os Espaços na Modernidade” no YouTube. A sua estreia ocorreu no dia 21 de agosto de 2019 no auditório do IFRN, campus Cidade Alta, localizado na avenida Rio Branco, em Natal, às 19:00 horas.

Nessa noite, antes de o filme ser projetado para o público, que lotava o auditório, Raimundo Arrais (DHIS-UFRN), idealizador, roteirista e um dos diretores, fez alguns comentários sobre como a ideia de produzir o filme havia nascido e também sobre o processo de sua produção.²² Nas palavras dele, a ideia havia partido, a princípio, no momento em que o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN-Central), em conjunto, organizaram o evento intitulado “A belle époque natalense”, por volta do ano de 2014.

Figura 01 – Noite de estreia do documentário “A Província Moderna”, 2019.

²² O texto preparado para a noite de estreia se encontra publicado no site do grupo de pesquisa, assim como as informações e os detalhes sobre o projeto do documentário. Além disso, muito das coisas aqui escritas partem da nossa própria experiência enquanto agentes participantes e colaboradores do processo de produção do documentário. Para saber mais, consultar o site do grupo de pesquisa Os Espaços na Modernidade. Disponível em:

<https://espacosnamodernidade.wordpress.com/a-provincia-moderna-documentario/>



Fonte: Acervo Giovanni Bentes Filho

Arrais e o professor Artemilson Alves de Lima (IFRN), que na época aceitara o convite para participar da produção do documentário na condição de diretor, deram início aos trabalhos e realizaram entrevistas nos estúdios do IFRN, sendo uma delas como o professor Cláudio Galvão, que havia desenvolvido uma pesquisa sobre “modinhas” no Rio Grande do Norte. Gravações de voz e melodias também foram feitas com o trovador Fernando Tovar que, acompanhado do violonista Gaspar Etienne de Lima, gravou e interpretou uma série de canções, sendo uma delas composta a partir do poema “Agonia do coração”, de Auta de Souza. Entretanto, mesmo com tudo isso, o documentário não pôde ser concretizado, de modo que sua produção teve que ser adiada.

Apesar disso, os estudos historiográficos desenvolvidos por Arrais sobre a cidade de Natal avançaram, bem como a do grupo de pesquisa que coordenava (e coordena até hoje). As pesquisas, fruto do trabalho de bolsistas de iniciação científica, orientandos de mestrado e colaboradores, se amadureciam e tomavam formas de artigos, livros, dissertações e teses, o que possibilitou o acesso e o contato com uma gama diversificada de fontes, documentos e dados históricos, tornando o desejo e o interesse de produzir um material audiovisual e didático

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X



sobre um pedaço da história da cidade de Natal mais intenso e com maiores chances de ser realizado.

As discussões no âmbito do grupo giravam em torno da ideia de produzir um material histórico sobre o Rio Grande do Norte que chegasse de modo mais rápido e acessível à sociedade, mas principalmente aos professores da rede pública de ensino. Ou seja, buscava-se um tipo de suporte narrativo que funcionasse como uma forma de mediar os conhecimentos históricos produzidos tanto na Universidade quanto em outros espaços não acadêmicos, e a linguagem audiovisual era a mais indicada.

Em 2018, em virtude de um projeto de extensão aprovado na Pró Reitoria de Extensão da UFRN, que objetivava a realização de um filme de curta-duração, de aproximadamente 15 minutos, sobre a história da cidade de Natal entre os anos de 1900 e 1930. Esse projeto foi também fruto de uma articulação entre a disciplina de História Urbana, ofertada à graduação do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte nesse ano. Assim, e contando, novamente, com a parceria de Artemilson Lima, que possibilitou o uso das instalações IFRN Central, a produção, que tinha sido adiada, foi retomada.²³

A equipe, nesse momento, contava com o envolvimento e o trabalho de pesquisa articulado de muitos historiadores em formação como as bolsistas de extensão à época, Thainá Moraes e Karine Lopes; de Gabriel Barreto, aluno do mestrado naquele momento; Giovanni Bentes Filho, doutorando; e da assessoria dos professores doutores e mestres como Gabriela Fernandes, Renato Marinho e Márcia Marinho, os dois primeiros professores do IFRN.

A intenção dos realizadores era de que os professores da rede básica de ensino, alunos e outros agentes sociais tivessem acesso a um material no qual pudessem compreender alguns aspectos da produção do espaço urbano da capital norte-rio-grandense em um período específico, especialmente como um espaço

²³ Pró Reitoria de Extensão (PROEX). Plano de trabalho “A cidade de Natal em documentário (1900-1930)”. Período de execução: 01/03/2018 a 31/12/2019. Código do projeto: PJ418-2018.



de disputas sociais e políticas entre os diferentes grupos sociais que nela habitaram. Além disso, o documentário tinha o objetivo de servir como um instrumento didático que possibilitasse e auxiliasse professores, e principalmente os alunos, a perceberem a História enquanto um processo dinâmico e complexo, composta por uma rede de eventos interconectados a partir das escolhas e da prática – *métier* – do historiador.

Em trabalho anterior, apresentamos, comentamos e discutimos diferentes etapas do processo de feitura desse documentário, sobretudo no que diz respeito ao momento da pré-produção, que girou em torno das discussões intensas no grupo de pesquisa do texto base, do roteiro, do processo de seleção e tratamento das imagens, dos acervos e dos arquivos, da escolha da trilha sonora, da narração, da edição e da montagem final. Da mesma forma, também analisamos algumas passagens do filme no sentido de deixar evidente ao leitor (como também ao telespectador) algumas nuances e aspectos referentes às concepções teóricas de seus produtores (Bentes Filho; Lopes; Morais, 2019).

A noção de trama, por exemplo, que seria essa “mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa”, está presente do início ao fim do filme (Veyne, 1998, p. 42).

Isso quer dizer que o texto, o roteiro, as imagens, o ritmo não linear do enredo, a narração, ou seja, todo esse conjunto foi articulado pelos produtores (historiadores) para que o público compreendesse, por meio da linguagem do cinema, alguns aspectos da realidade da cidade de Natal nas primeiras décadas do século XX, como as experiências dos grupos sociais na cidade, que podem ser observadas a partir das cenas das celebrações e dos festejos dos grupos dirigentes e dos populares; dos trabalhadores que “assentaram o calçamento das ruas” durante os primeiros anos do período republicano ou daqueles que “sonhavam



com trabalho e comida” nas calçadas do Teatro Carlos Gomes, onde, dias depois, um público seletos assistiria a ópera “A danação de Fausto”.

Pela trama tecida por Arrais e Lima fica claro aquilo que Henri Lefebvre (2013) afirmou sobre os a produção dos espaços, de que existem diferentes maneiras percebê-los, concebê-los e de vivê-los. A cidade, nesse sentido, foi representada no filme como o espaço das contradições cotidianas, da heterogeneidade, das desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais; como a cidade dos sonhos, das fantasias, dos espetáculos, das desgraças, das violências, da fome e das misérias humanas.

Tudo isso faz a cidade ser, de fato, uma cidade, visto que, como mais vez nos alerta Lefebvre, “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (Lefebvre, 2016, p. 24). E foi isso que, no dia 21 de agosto de 2019, às 19:00 horas, no auditório do IFRN Cidade Alta, o público pôde visualizar em primeira mão na estreia do documentário.

“A PROVÍNCIA MODERNA”: O DOCUMENTÁRIO COMO RECURSO DIDÁTICO E FERRAMENTA DE HISTÓRIA PÚBLICA

O documentário “A Província Moderna”, compreendido com essa “escrita videográfica” da história, mesmo constituído a partir de uma operação historiográfica, por sua vez sustentada por determinados princípios teóricos e metodológicos (Mauad, 2011, p. 81), é um instrumento ou ferramenta didática que, além de viabilizar a compreensão do alunos acerca da história por meio de imagens e sons, descentraliza e desierarquiza o conhecimento histórico, pois possibilita que outros colaboradores – o próprio público – participem desse processo. O telespectador torna-se, também, fonte desse conhecimento.



A narrativa fílmica construída pelos idealizadores da obra pode ou não convergir com a consciência histórica do público que a consome, de modo que outros sentidos e significações sociais podem ser elaborados, uma vez que tal perspectiva reconhece na condição humana o pressuposto histórico, ou seja, de que “pensamos e falamos historicamente”, sendo esse “o modo pelo qual nos posicionamos na cultura” e no mundo (Albieri, 2011, p. 27). Essa relação interativa e dialógica transforma o documentário em uma “ponte de comunicação” entre o “saber acadêmico” e o “saber popular”, o que, em outras palavras, significa dizer que o filme é uma ferramenta a ser usada a serviço da história pública (Ferreira, 2018, p. 34).

Isso ficou muito mais evidente quando, em uma sala nas dependências da capela Nossa Senhora da Conceição, no bairro de Mãe Luíza, uma média de trinta pessoas, entre moradores e convidados, assistiram o documentário “A Província Moderna”. Após a exibição do filme, foi organizada uma roda de conversa onde os presentes puderam expor suas impressões e suas dúvidas com relação à obra e à história/trama apresentada.

O filme foi bem recebido pelo público, perceptível tanto pelas críticas positivas quanto pelo debate que se desenrolou. Vale dizer que os moradores de Mãe Luíza estavam vivendo naqueles dias momento de incertezas com relação aos efeitos que a revisão do Plano Diretor da cidade de Natal (2017-2022) traria para o bairro. De acordo com Raimundo Arrais, que escreveu um pequeno texto sobre essa apresentação, que encerrava o ciclo pelo Rio Grande do Norte, a partir das falas dos moradores foi possível identificar as relações entre as histórias narradas no filme e as vidas deles, “entre o lugar que eles ocupam hoje e o lugar que foi ocupado por outros, há mais de cem anos atrás, nessa mesma cidade de Natal” (Arrais, 2019).

Essas pessoas guardaram na memória certas passagens da narrativa e as lançaram na discussão. Elas perceberam, por exemplo, que na história da cidade

de Natal alguns processos continuavam, como “o drama da apropriação do solo urbano nas mãos de poucos!”. Contudo, também foi possível observar, como foi ressaltado por Arrais, que as rupturas aconteciam, aparecendo, principalmente, no plano da voz coletiva, que se libertava do silêncio opressivo, como ficou claro a partir da fala de uma outra moradora: “ontem as pessoas não falavam, agora elas falam!”.

Figura 02 – A província moderna no Morro de Mãe Luíza



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa “Os Espaços na Modernidade”.

Os moradores, conforme observou Arrais, não apenas assistiram ao filme, mas acabaram se transportando para dentro dele e voltaram ainda mais mobilizados para enfrentar aquilo que tanto notaram a partir do filme: a apropriação desigual do solo urbano da cidade de Natal. Para o idealizador da obra, o filme proporcionou uma ligação entre a experiência da pesquisa histórica em torno das imagens de uma cidade de Natal “cheia de tantos sonhos e de tanto pesar”, e a cidade de Natal de hoje, trazida à tona pelos comentários dos moradores de Mãe Luíza. Por fim, Arrais sintetizou bem o que significa fazer história pública, quando declarou que “os clarões do filme, a fala e a escuta



atenta que se praticou ali, ativaram a memória das lutas por Mãe Luíza” (Arrais, 2019).

A HISTÓRIA PÚBLICA ENSINADA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Durante o mês de julho de 2024, organizamos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba um conjunto de atividades pedagógicas e sequências didáticas relacionadas ao Projeto “Educação para as relações étnico-raciais (ERER) o ano todo”, organizado no campus Avançado Cabedelo Centro em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Em consonância com o art. 4º da Resolução nº 01, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da história africana e cultura afro-brasileira, percebemos a necessidade de estimular a conexão entre os sistemas e os estabelecimentos de ensino com diversas instituições políticas, como aquelas ligadas ao movimento negro, ou de pesquisa, além dos “[...] Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino” (Brasil, 2004, p.3).

Assumindo o caráter orientador previsto na Resolução nº 1, e reconhecendo a importância da institucionalização das ações voltadas à ERER no complexo processo de implantação do que prevê os arts. 26-A e 79-B da LDBEN, o Neabi-CACC sugeriu um conjunto de temas geradores que podem transversalizar as práticas pedagógicas, estimulando as discussões que envolvem a história da África e a cultura afro-brasileira e indígena.

Nesse sentido, planejamos um conjunto de 6 encontros ligados ao tema “Movimentos Sociais na Primeira República (1889-1929), com o objetivo de analisar as alianças políticas construídas no país por meio da Política dos Governadores e de compreender como as revoltas articuladas nesse período, por classes populares, colocaram em questão conflitos agrários, práticas de



coronelismo e voto do cabresto, impulso à industrialização baseada na defumação do látex para extração da borracha, gentrificação e modernização. Para tanto, analisamos fotografias e discursos, reconstituídos do “Jornal do Brasil” e da Brasiliana Fotográfica, relativos à Guerra dos Canudos, ao Cangaço, à Guerra do Contestado, à Revolta da Vacina, à Revolta da Chibata, à Greve de 1917 e às políticas indigenistas.

A discussão suscitada nas aulas nos suscitou a seguinte reflexão: Até que ponto, a partir de posturas e interesses diversos, as oligarquias paulista e mineira dominaram a cena política nacional na Primeira República? Como salientou Boris Fasto, “a união de ambas foi um traço fundamental, mas que não conta toda história do período. A união foi feita com a preponderância de uma ou de outra das duas frações” (FAUSTO, 2004, p. 27). Com o tempo, surgiram as discussões e um grande desacerto final, uma vez que as disputas políticas do período contradiziam a suposta estabilidade da aliança entre mineiros e paulistas, o que indicava a limitação conceitual do termo “Café com Leite”. Mais do que isso, indicava uma lacuna deixada em segundo plano na discussão: como as transformações urbanísticas e políticas estudadas podem ser aproximadas da realidade discente?

Com base nessa inquietação, orientamos os discentes do terceiro ano do Ensino Médio técnico integrado em Serviços Jurídicos a produzirem uma resenha crítica sobre o documentário “A Província Moderna”, na perspectiva de destacar o modo como os personagens do filme tratam os sujeitos históricos da cidade, seus dramas e estratégias de sobrevivência de classe, bem como de analisar como essa narrativa foi construída e, ainda, o que você mudaria nessa narrativa.

Uma das alunas salientou os aspectos que mais lhe chamou atenção naquela produção, principalmente quanto ao uso de documentações que deslocavam o eixo da História para uma cidade nordestina e à presença da literatura no filme. “A Província Moderna” é um documentário que retrata a



sociedade natalense no início do século XX (1900-1930), mas nos leva a interrogar sobre o silenciamento da cultura popular afrodescendente nos processos históricos e, especialmente, sobre o recorte eurocêntrico que permeia as histórias que contamos. Segundo a avaliadora, “é uma obra iconográfica, que foi elaborada por meio de pesquisas científicas e documentais, valendo ressaltar que muito pouco foi achado”. Enfatizou a discente que se trata de “uma curta que mostra como foi sendo criada a cidade, suas ruas, pontes, os anseios das pessoas, quem eram as famílias influentes, como por exemplo a família Albuquerque Maranhão, sempre presente na história como líderes políticos”.

Outro discente destacou que o curta também fala “do sentimento de um povo que ansiava pela modernidade, porém com mentalidade provinciana”. Mas, pondera na sua análise, que embora tenha sido “de fato, uma época de progresso, mecanização, busca pelo “novo”, muitos navios chegando e partindo com mercadorias, porém nem todos alcançaram esse progresso”. Fica claro, como a grande maioria da população não tinha acesso a tal progresso, viviam em casebres sem saneamento, não tinham acesso aos bondes elétricos e tampouco receberam a atenção da imprensa de grande circulação ao morrerem nos trilhos do trem. Não foram vítimas espetaculares que um progresso apenas enunciado pelos grupos dirigentes, como uma missão civilizatória e pedagógica que moldaria comportamentos sociais desviantes nos espaços públicos, a exemplo das praças.

Tal situação que se agravou pela chegada de cerca de 4.000 mil retirantes, pessoas que foram em busca de trabalho e uma vida mais digna, porém se transformaram em fantasmas em fotos velhas e jornais. Outro aluno percebeu esse aspecto ao enfatizar, em seu texto, que “diante dos achados, o documentário retratou da melhor forma possível o paradoxo enfrentado pela sociedade de Natal naquela época”. Mas ponderou que “ainda assim, muita ênfase é dada às famílias mais “poderosas”, isso seria um ponto que mudaria caso fosse possível” (Aluno,



2024). Esse elemento foi discutido em sala de aula ao percebemos que a construção de uma história envolve aspectos ligados ao lugar social de escrita, às instituições nas quais o historiador atua e, sobretudo, aos tipos de testemunhos históricos que o pesquisador tem acesso no momento da pesquisa.

O percurso de reflexão sobre a escrita também estimulou os alunos a identificarem os diferentes sons, tons de voz na narrativa e estratégias de indicar a existência de outras vozes na cidade, como a daqueles homens e mulheres ganhadores de ruas, que “viviam espremidos entre os trilhos do trem e a lama do Rio” Potengi, especialmente porque viviam em áreas periféricas da cidade, como as Rocas e o Passo de Pátria.

Grande parte da turma, composta por alunos que se reconhecem como negros, pardos ou indígenas, observou que as dinâmicas sociais dos personagens, demonstram “com o passar dos anos a mudança na cidade que era um local quase totalmente rural virando uma cidade moderna para época” (Aluno, 2024). Natal foi “crescendo cada vez mais, e sua sociedade presenciava as maravilhas da tecnologia, como por exemplo o pouso de um avião francês na vila de Paramirim. Dessa forma, as novidades tecnológicas foram cada vez mais desejadas, como carros, máquinas de escrever e de acordo com Jorge Fernandes os bondes da cidade era um vislumbre que os passageiros não davam atenção até mesmo pra bela paisagem praiana”. E com o porto, destacou a aluna, “novidades chegavam de vários lugares do mundo, especiarias e muito mais trazidas pelos navios, apesar dos vislumbres da cidade muitos dos seus moradores que trabalhavam incansavelmente para a colocação de mais bondes, e naquela época ainda sim eles moravam nos bairros mal iluminados da cidade ou iam trabalhar em outros estados, muito deles foram para a Amazônia com passagens dadas pelo governo”.

O documentário, pois, faz uma reflexão da espacialização de uma cidade e da realidade enfrentada pelos moradores e de sua complexidade, sentida e



assimilada plenamente pelos alunos. À medida que o filme explora as questões das desigualdades enfrentadas pelos populares, ele representa um material de apoio às atividades dos professores que ensinam História, principalmente na rede pública de ensino, nos níveis médio e fundamental, sem deixar de lado, evidentemente, as possibilidades de explorá-lo em outros fóruns da sociedade natalense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “A Província Moderna”, derivou de uma necessidade apontada por professores com os quais temos tido contato, em cursos de especialização e eventos diversos, por acesso a materiais que sirvam de subsídios para as suas aulas. Constatamos, na *práxis* docente, que esse projeto funcionou efetivamente como uma experiência prática e transformadora tanto para alunos quanto para os próprios professores, uma vez que possibilitou o contato com uma concepção de história criativa, aberta e mais conectada ao mundo contemporâneo. Além de chamar atenção para novas perspectivas profissionais e a inserção cidadã na construção da história e da própria cidade.

Outro ponto importante discutido e apresentado no presente texto foi a abordagem interdisciplinar suscitada pelo documentário, sobretudo no processo interacional entre um saber acadêmico e um saber popular. O filme pode ser entendido como uma evidência clara de como o ensino de História pode ser conduzido e ampliado por meio da produção de materiais audiovisuais que possibilitem leituras e interpretações mais plurais e críticas do passado, fazendo desse conhecimento o resultado de um trabalho democrático e inclusivo.

Por fim, buscamos demonstrar como a cidade pode ser objeto de discussão e conhecimento histórico, produzida por várias perspectivas. Além disso, também buscamos reafirmar o papel do historiador/professor nesse processo, não apenas como mediador do conhecimento, mas como agente fundamental na



construção da consciência histórica crítica. Uma postura que está em consonância com as diretrizes do atual Projeto Político-Pedagógico do curso de História, que ressalta a formação do historiador na UFRN deve privilegiar o diálogo entre os saberes, bem como esteja preparado para agir sobre uma realidade dinâmica, multifacetada, que passa a exigir uma postura aberta, interdisciplinar, consciente do fato de que o profissional deve guiar-se pelo entendimento da complexidade do mundo, dos limites do conhecimento, da necessidade do diálogo do saber científico com outros saberes (UFRN, 2018).

BIBLIOGRAFIA

- A PROVÍNCIA moderna. Direção: Artemilson Lima e Raimundo Arrais. Natal, 2019. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=no4vZVHUjBM&t=10s>>. Acessado em 25 set. 2024
- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: **Introdução à história pública** / Juniele Rabelo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, (organização). — São Paulo : Letra e Voz, 2011.
- ARRAIS, Raimundo. **A província moderna no Morro de Mãe Luíza**: encerramento oficial do ciclo de apresentações do documentário no Rio Grande do Norte. 22 de outubro de 2019. Disponível em <https://espacosnamodernidade.wordpress.com/a-provincia-moderna-documentario/apresentacoes/>. Acesso em 06/11/2024.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação [CNE/CP]. **Resolução 1/2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, Brasília, DF, ano 141, n. 118, p. 11, 22 jun. 2004.
- BENTES FILHO, Giovanni R. P; LOPES, Karine M. Lima; MORAIS, Thainá Avelino M. O documentário “A Província Moderna” como recurso didático e estratégia pedagógica na construção de sensibilidades. **Anais do IX Colóquio Nacional de História Cultural e Sensibilidades** – Sertões: poder e representações. Caicó: UFRN – CERES. 2019.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2004 (adaptado).



FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Qual a relação entre história pública e o ensino de História. In: **Que história pública queremos?** Organizadores Ana Maria Mauad, Ricardo Santhiago, Viviane Trindade Borges. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LEFBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi, SP: Nebli, 2016.

MAUAD, Ana Maria; DUMA, Fernando. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidades narrativas. In: **Introdução à história pública**. Juniele Rabelo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, (organização). — São Paulo : Letra e Voz, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª ed.- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de História Licenciatura na Modalidade Presencial**. Natal, RN: UFRN, 2018.